

AS ANOTAÇÕES ORNITOLÓGICAS DE FRANCO DA ROCHA

Hélio F. de Almeida Camargo

(Do Departamento de Zoologia da
Secretaria da Agricultura de São Paulo)

Em 1924, o então diretor do Museu Paulista, Dr. AFONSO DE E. TAUNAY, recebia do ilustre psiquiatra Prof. Dr. FRANCISCO FRANCO DA ROCHA, a seguinte carta : (em carimbo, no canto superior esquerdo — Dr. Franco da Rocha — Médico — Moléstias Nervosas — Alameda Barros, 86) — S. Paulo, 20 de Setembro de 1924 — Illmo. Am^o. Dr. A. Taunay — Affectuosas saudações — Venho por meio desta fazer um presente, condicional, ao Museu Ypiranga. Dou-lhe todos os meus livros de Historia Natural, em sua maior parte Ornithologia. Constituem esses livros uma biblioteca de cerca de cento e setenta volumes (170). A condição que imponho é ficarem elles em meu poder enquanto eu viver. Quando eu deixar de existir o Museu os reclamará. Deixo junto a meu testamento uma lista de livros e a recomendação de os entregarem ao Director do Museu. Entre os livros de Ornithologia, alguns delles constituem obras de alto valor, verdadeiras joias, que não quero deixar em mãos de... quem lhes não saiba o valor scientifico, pois taes livros só servem a quem se dedica a esses estudos". (*) Seguem-se palavras sem maior importância no caso, e a assinatura — Dr. FRANCO DA ROCHA. Estão portanto, nessa carta, perfeitamente historiadadas as circunstâncias que trouxeram à biblioteca do Museu Paulista,

(*) Desejo expressar os meus agradecimentos ao conhecido ensaista Dr. SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, atual diretor do Museu Paulista, por me haver permitido consultar, não só a carta enviada pelo Dr. FRANCO DA ROCHA ao Dr. AFONSO DE E. TAUNAY, e existente no arquivo daquele Museu, como também o exemplar do "De Indice Utriusque Re Naturali et medicae", ofertado pelo distinto médico ao referido Museu.

em 1934 — um ano após o falecimento de FRANCO DA ROCHA — aquela valiosa coleção de livros, principalmente referentes à ornitologia. Com a criação do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, em 1939, à custa da seção de Zoologia do Museu Paulista, passou, a maioria dos volumes acima, doados pelo ilustre médico paulista, a fazer parte da biblioteca da primeira das instituições supra-nomeadas, onde, como é natural, prestariam melhores serviços. Não é minha intenção, neste trabalho, demorar-me a respeito ou da personalidade do Dr. FRANCISCO FRANCO DA ROCHA, ou sobre o valor dos volumes ofertados. Em 1936¹ já dessa tarefa se encarregara, com o brilho de costume, o eminente historiador patricio Dr. AFONSO TAUNAY. Pretendo apenas tornar conhecidos, comentários ornitológicos bastante eruditos que aquêlê médico deixara, à guisa de notas sem maiores pretensões, em alguns dos livros oferecidos. Assim é que, no hoje raríssimo trabalho “As Aves do Brasil” de EMILIO AUGUSTO GOELDI, 1.a parte (1894), escreve o naturalista suíço à página 95, tratando das “araras” que são capazes de falar: “Em geral, porém, as Araras, segundo parece, imitam mais difficilmente a voz humana que outros membros da geração dos Papagaios, as espécies de *Androglossa* por exemplo”. O médico amparense, contudo, passa um traço a lápis desde “porém” até “parece” e protesta na margem ao lado, também a lápis: — “é falso fallam bem”. Veremos, mais adiante, que êsse assunto sempre o preocupa. A página 162, ao lado do antigo nome científico genérico do cucúlida vulgarmente conhecido por “saci”, *Diplopterus naevius* (galeritus), FRANCO DA ROCHA escreve a tinta, “sem-fim”, outro nome pelo qual o povo o denomina. As suas observações, nêsse primeiro volume, são escassas e bastante breves. Divaga GOELDI às páginas 239 e 240 sobre o regime alimentar dos beija-flores, concluindo que, apesar dos troquillidas não desprezarem o néctar das flores, têm êles contudo, nos insetos minúsculos, “a principal fonte de alimentação”.

1 — TAUNAY, 1936 — Rev. Mus. Paul., XX, pags. 735 a 747.

Acrescenta FRANCO DA ROCHA, com a sua boa caligrafia e a tinta, no espaço que medeia entre o trecho de GOELDI e a observação n.º 24, do reorganizador do Museu Paraense, posta ao pé da página 240 : "Buffon nega que elles se alimentem de insectos, mas nega raciocinando apenas, não com experiencia e observações proprias". A página 300, GOELDI enumera as espécies de aves privativas da região amazônica : *Orizoborus fringilloides*". O doutor FRANCO DA ROCHA, a tinta, ao lado no nome genérico : —"arroz", e em seguida, "bora" (*) "alimento". A terceira espécie enumerada por GOELDI, é "*Coturniculus peruanus*" anotada em seguida "coturnix codorninha". Tratando da exploração, por parte do ictérica conhecido no sul, por "chopim", do ninho do tico-tico, diz GOELDI (pg. 302) :— "Já referi que a longanimidade do Tico-Tico é muito explorada pelo Virabosta". FRANCO DA ROCHA sublinha a tinta, a palavra "virabosta", coloca em cima dela, uma pequena chamada "(1)", e em baixo da página, sempre a tinta : "(1) Não é virabosta; é chopim (o *molothrus*) menor que o virab. Este faz ninho e cria os filhos". Na página seguinte, GOELDI trata do canário da terra, e escreve : "O Canário da terra é hospede frequente das habitações humanas e muitas vezes visto em companhia de ticos-ticos e virabostas". Na margem abaixo, FRANCO DA ROCHA demonstra as suas qualidades de observador da fauna ornitológica : "(1) Também este é victima do intruso chopim, como tenho visto, eu mesmo, muitas vezes". Quase no final do I volume, GOELDI afirma desconhecer o modo pelo qual se reproduz o nosso pintassilgo : "Ainda não se conhece, que eu saiba, a maneira por que se reproduzem; provavelmente vão incubar na região dos campos". E o médico amparense observa ao lado, assustado com a ignorância do zoólogo suiço : "É tão conhecido o ninho (e ovos) de pintasil-

(*) Muito agradeço ao padre JOÃO NEPOMUCENO HAAS, S. J., pela versão, em caracteres romanos, das palavras escritas por FRANCO DA ROCHA no alfabeto grego, e figurando, no presente trabalho, em negrito.

go, que me admira o naturalista não conhecer isso". Assim termina o I volume das "As Aves do Brasil". O II volume, publicado em 1896, traz na sua primeira página, a assinatura a tinta do antigo dono, bem como o ano, provavelmente aquêle da compra, e o enderêço: "Dr. FRANCO DA ROCHA — 1925 — Alameda Barros, 86". A parte geral, que se estende da página 311 à página 362, contém apenas uma observação, irônica e acurada, de FRANCO DA ROCHA. Discorrendo, da ligelra nota n.º 85, página 501, a respeito do ninho e dos ovos do gruiforme "carão" (*Aramus guarauna*), escreve GOELDI: "Os ovos (10 a 12, ligeiramente ellipticos, de apparencia mosqueada, são ao que parece, do tamanho dos de Perú (1897)". E FRANCO DA ROCHA a tinta: — "quer dizer de Perúa, não?...". Da página 645 à página 664, estende-se o "glossário explicativo de nomes genéricos". Tantos enganos encontrou FRANCO DA ROCHA nesse glossário, que, anotando a princípio — conforme seu hábito — ao lado da própria definição, logo achou melhor interpolar, entre a página 664 e o "índice alphabetico", que fecha o II volume (pags. 1 a 82, quatro fôlhas de papel, com exceção da última profusamente anotadas a tinta. Dêsse modo tinha o illustre médico maior espaço para os eruditos comentários que nos legou. A página 645 do mencionado glossário, escreve GOELDI a propósito do nome genérico de uma das nossas mais belas araras — talvez até a mais bela —, quase que tôda azul: "Anodorhynchus (n. grego) ánodos — inaccessible, impossivel e rhygchos — bicco (de bicco de dimensões impossiveis)". Essa definição irrita o douto fundador do Juquerí, que observa a tinta, em seguida: — "Vá ser burro no inferno". A página 647, lê-se no glossário explicativo, sôbre o antigo nome genérico de um dos nossos "pica-páus": — "Campaphilus, (n. meio latim, meio grego; voz hybrida) — (lat) campus, campo. (grego) philéo, amar". Logo mais, FRANCO DA ROCHA elucidará o seu desacôrdo. Por enquanto, escreve apenas, adiante de "amar": — "Nada custa ser besta... hybrida foi a avó delle...". A página 651, tratando de um tirânida, GOELDI escreve: — "Empidochanes, n. grego. Empis, mosquito; Chanyo, abrir a bocca, guela larga. (Que abarca mosquitos com sua gue-

la espaçosa)”. O autor de “A questão do trabalho nos Hospícios”, observa, na margem direita do volume: — “**chainein**” abocanhar, ou antes aboccar”. Mais dois senões. O primeiro, quando o glossário figura (pg. 653): — “**Icterus**, n. grego. **Icteros**, nome de uma molestia que os antigos julgavam poder ser curada com o aspecto de um passaro amarello (talvez o **Oriolus galbula**). Termo creado por **Linneo**”. **FRANCO DA ROCHA** é, aqui, sêco e taxativo: — “Quanta burrada inutil...”. Definindo o significado de um dos gêneros a que pertencem as nossas andorinhas, lê-se à página 659 do glossário: — “**Progne**, n. grego. Figura mythologica, figurando, já, se não me engano, nas “**Metamorphoses**” de **Ovidio**”. A explicação não satisfaz o competente psiquiatra, que emenda: — “e que mais?... bolas...”. Entremos agora nos comentários inéditos ao glossário explicativo de nomes genéricos, deixados por **FRANCO DA ROCHA** sob a forma de fôlhas anotadas a tinta, conforme já foi dito em outra oportunidade. **TAUNAY**² já notara as preocupações etmológicas de **FRANCO DA ROCHA**: — “E facto curioso, que demonstra a grande acuidade de seu cerebralismo e a feição do polyfacionamento de sua cultura; achava singular prazer em examinar e analysar as origens dos nomes attribuidos aos grupos zoológicos, aos dos generos e aos das espécies”. Não é só o conhecimento seguro do latim e do grego que se irá admirar nos comentários de **FRANCO DA ROCHA**, mas também o seu estilo claro, conciso, preciso, vasado numa caligrafia perfeitamente legível, fugindo assim àquela que é de regra entre os médicos... A página 1, começa o illustre médico filho de Amparo: — “O glossário das páginas anteriores está cheio de erros typographicos e erros essenciaes do autor (que não é **Göldi**)”. O seu segundo comentário, separado do anterior — foi a praxe usada por **FRANCO DA ROCHA** nesta série de notas que êle intepolara ao II volume das “**As Aves do Brasil**” de **GOELDI** — por um risco horizontal incompleto, deixando, na maioria das vezes, duas breves margens, trata do nome genérico de um dos nossos curiangos. **GOELDI**, à página 648, es-

crevera : — “Chordeiles. Não encontro explicação plausível deste nome de origem grega. “Chardapsos” e “chardeileós” eram nomes de molestias intestinais nos autores gregos e talvez o nosso passaro tinha algum emprego entre os medicos da antiguidade?”. E FRANCO DA ROCHA ensina : “Chordeiles é “Lyra da Tarde”, um bello nome. Chordé = corda da lyra e, por extensão, a propria lyra. Deilé = tarde, o anoitecer; chordé e déllé formam o bello nome que o autor do glossario não poude entender... V. a pag. 648. Mas que bruto...”. A página 651, assim explica o glossário a significação de **Empidonomus** :— “Empidonomus, n. grego. Empis, (idos) mosquito, mutúca; nomós (hó), o pasto, (que se vê em lugares, onde há muitos mosquitos)”. É o motivo do terceiro comentário :— “Outros erros : **Empidonomus** = “Devora mosquitos”: **Empís, idos** = mosquito; **nomé** = ação de devorar. Veja pag. 651. Chama a motúca — mosquito... Esse sr. Barão... é mais burro do que eu...”. O Barão a que se refere FRANCO DA ROCHA, é, conforme se verá adiante, o Barão RAMIZ GALVÃO, autor do “Vocabulario Etymologico Orthographico e Prosodico das Palavras Portuguezas derivadas da lingua grega” (1909), hoje bastante raro. Sobre “Campephilus”, cuja opinião a respeito, do glossário explicativo, já transcrevi atrás, o médico paulista escreve, no quarto comentários :— “Campephilus — **kampe** é larva de insecto; gosta de larvas de insectos. Veja à pag. 647 onde diabo foi elle buscar campo... buscou palavra grega no Dicionario latino...”. A página 646, traz o glossário : — “Bucco, (n. latino) — “bucco”, pessoa que tem as faces (buceau) cheias, intumescidas. Refere-se ao bico de baixo de certas espécies, onde elle está engrossado”. FRANCO DA ROCHA, neste quinto comentário, assume um tom paternal na sua corrigenda : — “pág. 646. Bucco, em latim, quer dizer = bôbo, pateta, boca-aberta. V. a pag. 646. O povo chama o passaro — Bucco — João Bobo. É tão simples essa derivação... Porque complicar as coisas?...”. A página 645, o glossário registra : “Anabates (n. grego) anabates, quem montou, trêpou em objecto elevado”. Fechando a página 1, FRANCO DA ROCHA corrige : “Anabates = **Voa pelos altos**. Assim é que se deve traduzir. V. pag. 645”. A página 2 se inicia

com observações que o médico amparense faz, relativamente ao nome genérico da "arárauna" (*Anodorhynchus*), já abordado, quanto ao que consta no glossário, linhas atrás. "V. pag. 5 deste suplemento. Chegaremos lá. *Anodorhynchus*. Creio que o auctor desse nome, ou inventor, quiz dizer que a ave não tem entalhe (dente) na maxilla inf. como outros. *Anodús* = sem dente, *Anodontos* é o genitivo. *Anodús* — *dontos* (Alexander) Pag. 5. Veja adiante". O seu segundo comentário versa sobre *Chrysomitris*, gênero creado em 1828, por BOIE, para o festejado cantor de gaiola, o "pintassilgo". Hoje, porém, a moderna sistemática ornitológica reconhece que *Spinus Koch*, 1816, é o nome genérico que, por prioridade, deve caber àquele fringílida. A página 648, diz o glossário explicativo de nomes genéricos:—"Chrysomitris, n. grego. Chrysós, ouro; mitra, diadema, turban". FRANCO DA ROCHA decompõe, etmológicamente, os elementos gregos, e verifica:—"Chrysomitris = cinturão largo cor de ouro. Como poderia ter diadema de ouro um passarinho que tem a cabeça toda preta?... Trata-se do pintassilgo, cujo abdomen é cor de ouro (amarello). O glossarista procurou palavra grega no Dicc. latino... pag. 648". Chegou a vez do celebrado dansarino conhecido por "tangará". Na mesma página GOELDI escreve:—"Chiroxiphia, n. grego. Chur (hae), a mão ixiphos, a espada; em referência às duas pennas medianas da cauda em forma de curta espada". Mais uma vez, quem tem razão é FRANCO DA ROCHA. "Chiroxiphia = mão com feitio de espada, quer dizer — aza de espada. Refere-se ao tangará, cujas pennas da mão têm o feitio de espada curta. O homem não sabe ornithologia e meteu-se a fazer um glossario ornithologico. Fala em cauda onde se trata de azas... pag. 648". No quarto comentário êsse distinto psiquiatra trata do gênero que engloba o nosso "bentevizinho". No glossário figura, página 655:—"Myiozetetes, n. grego. Mya, mosca; zaetaetaes, inspector, fiscal, (nome creado por Lucianô Bonaparte, 1854)". FRANCO DA ROCHA:—"Myiozetetes. Myia = mosca izetetes é o agente do verbo zeteo ou zetéo = buscar, procurar, desejar, etc. pag. 655". À página 2 termina com o quinto comentário dedicado pelo autor de "A Loucura na raça negra", ao nome

genérico do icterida vulgarmente apelidado de "japu" (japuguaçu, japu-gamela). GOELDI, no glossário explicativo (página 656, registrara : "Ostinops, n. grego. Ostinops, osteinos, de osso; ops, opós, olhar cara; em referência ao forte bico". FRANCO DA ROCHA discorda : "Ostinops = osso da cara; é a testa que é de osso, em continuação do bico. Aqui está cara ops; é o caso de confusão com pé". Linhas atrás, já havíamos visto a maneira pela qual, GOELDI, explicara a razão de Progne ter sido vocábulo escolhido para designar, genêricamente, determinada ave. A observação de FRANCO DA ROCHA, a respeito, encimando os seus comentários da página três, é : — Progne = Filha de Pandio, transformada em andorinha para fugir á fúria de Tereu". A página 661 figura no glossário a palavra **Sisopygis**, assim tratada : "Sisipygis, n. grego. Seio, abanar, sacudir; pygae, parte trazeira. Sisopygis já era nome empregado pelos antigos para uma ave, que parece ter sido uma das Motacillas do Velho Mundo". A crítica do ex-professor da nossa Faculdade de Medicina, a essa definição, assim se inicia, no segundo comentário : — "O nome foi dado por similhaça desta ave com as Motacillas, que sacodem a cauda verticalmente". Com tôda a possibilidade, esta última afirmação FRANCO DA ROCHA a recolheu do "Catalogue of the Birds in the British Museum", vol. XIV, 1888, página 41, onde se lê :— **Sisopygis**, so called from its superficial resemblance to **Motacilla**". Aquêlê distinto médico possuía a coleção, parece-me que completa, do mencionado Catálogo, também doado à biblioteca do Museu Paulista e hoje incorporado à do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo. A observação continua : — "**Sisopychis** = agita a cauda; **seio** = agito, **pyché** trazeiro. A Euphonia violacea, (e outros) agita a cauda com rapidez extrema, horizontalmente. Não vejo razão desta palavra, neste livro. Bem se podia dar outro nome ao Suiriri. Veja o verso". O nome **Sisopygis**, por questões de prioridade, caiu, cedendo o lugar a **Satrapa**, fundado quinze anos antes (1844), por STRICKLAND. Conta unicamente com uma espécie, **Satrapa icterophrys** (V.), conhecida do vulgo também como "suiriri".

OLIVERIO PINTO³, tratando da distribuição geográfica de *Satrapa icterophrys icterophrys* (V.), arrola, entre outras localidades da Bolívia, Cochabamba. Cumpre notar, no entanto, que A. R. ZOTTA⁴, em 1939, ressurgiu *Satrapa icterophrys hellmayri* (Chubb), descrito de Cochabamba (Bolívia), filiando a essa raça os exemplares argentinos provenientes de Jujui e Maimará. Quanto a *Motacilla*, que aparece não só em GOELDI, como também no comentário anterior de FRANCO DA ROCHA, trata-se de um gênero contando espécies a maioria delas restritas ao velho mundo (exceção da Austrália e Polinésia). Em Portugal, por exemplo, onde esse gênero de motacilidas está representado por nada menos que três espécies, figurando no vocabulário popular, com rica nomenclatura, o vôo rápido e as evoluções que durante êle executa, *Motacilla alba alba* L., fazem parte de um velho adágio⁵: —

“Quem mata uma arvelha
É mais leve do que ella”.

Sobre a questão da semelhança do nome *Sisopygis* com as “*Motacillas*”, conforme escreveu FRANCO DA ROCHA, o distinto médico voltará logo mais. O terceiro comentário da página três é dedicado, pelo mesmo autor, ao “tico-tico”, avezinha já bastante escassa nas cidades, pela perseguição que lhe vai movendo o belicoso e faminto “pardal”. A página 664, assim explicara o glossário, a significação de *Zonotrichia*: — “*Zonotrichia*, n. grego. Zónae, cinta, cintura; trichias, uma espécie de passaros; talvez um sabiá dos antigos. Trichias também significa encabellado”. E FRANCO DA ROCHA: — “*Zonotriche* = cabello em zonas ou tractus. O Tico-tico tem listas pretas na cabeça. Será isso? Só quem faz nomes mal feitos pode saber o que elles significam”. Novamente vem à baila o “chupim”. A página 654, lê-se no glossário: — *Molothorus*, *Molobrus*, n. grego. Malobρός, guloso, que gosta de petiscos”. É o assunto

3 — OLIV. PINTO, 1944, — Cat. Av. Bras., 2.a parte, p. 128.

4 — A. R. ZOTTA, 1939 — El Hornero, VII, p. 249.

5 — W. T. TAIT, 1924 — The Birds of Portugal, p. 63.

do quarto comentário de FRANCO DA ROCHA : — “**Molothros.** A palavra é **Molobros**, que em grego quer dizer = intruzo. É o Chopim. Bastante erudita e convincente, é a última anotação de FRANCO DA ROCHA à página três, estudando a sílaba **opus**. “A syllaba opus (**ops** — **opos**) que costumam juntar a outra, como, por exemplo, **Scytalopus**, significa **feição, cara** e não pé como pode parecer a muita gente. De facto, **pus** significa pé; mas o genitivo é **podós** e não **ópos**”. Conforme advertira poucas palavras atrás, a página quatro se inicia com nova observação de FRANCO DA ROCHA sobre **Motacilla**. “**Motacilla** — os ingleses chamam “**wagtail**” porque agitam a cauda p’ra cima e p’ra baixo. O Suiriri não faz isso, mas tem a cauda longa como as **Motacillas** e só por essa apparencia deram-lhe nome grego correspondente ao inglez **wagtail**. É dahi que vem o tal **Sisopygis**”. Neste segundo comentário, concorre um gênero de cotíngida : — “**Phibalura. Phibalos** = gracioso, delicado. Não é, como diz o glossario — cauda de **figo**... O Dr. **RAMIZ GALVAO** pode limpar as mãos. Para fazer glossário falta-lhe alguma coisa : o saber...”. No mencionado glossário, página 567, consta : **Phibalura**, n. grego. **Phibaléa**, especie de figo; aurá, cauda; me parece referencia á cauda recortada”. O curioso papagaio amazônico, “**anacã**”, é o motivo da terceira nota, relativamente ás outras, mais extensa. Na página 650 do glossário explicativo, onde a palavra **Deroptyus** figura ligeiramente assinalada com uma cruzinha, por FRANCO DA ROCHA, escrevera o naturalista suizo : — “**Deroptyus**, n. grego. **Dacrós**, comprido “**ptyon**, abano; em referencia á colleira larga e comprida”. O fundador do Juqueri, opina : — “**Deroptyus** (**accipitrinus**) **dere** = pescoço; **ptyon** abano (leque). Palavra mal feita; quem a inventou pode ir para a Camara Federal... dá um bom deputado... A palavra **nuca** em grego é **aúchén** - **auchen**, **Auchep-tion** seria a palavra propria e significaria **leque na nuca**. **Dére**, em geral, significa **pescoço anterior** — gula-não é tão propria como **auchen** (pron. **aúquen**). Veja a interpretação tola que o sr. **Rz. GALVÃO** deu a **Deroptyus**... pg. 650”. A página cinco, **FRANCO DA ROCHA** tomou-a por completa apenas com dois comentários. O primeiro versa sobre um gênero da mesma famí-

lia (Troglodytidae) que a da “corruira” ou “carriga”. O segundo, se me não engano, é a terceira nota dedicada pelo distinto médico amparense, à significação do nome genérico da “ararauna” ou “arara preta” (Anodorhynchos), inexistente no nosso Estado. Sobre Thryothorus, diz o glossário à página 662:— “Thryothorus, n. grego. Thryon, junco, ervas, palustres; thoryséio, fazer barulho, murmurar”. A palavra **Thoryséio** é corrigida, ao lado, pela pena de FRANCO DA ROCHA, que corta o s e coloca em seu lugar, b:— “thorybéio”. O comentário é o seguinte: — “pag. 662. Thryothorus. Creio que aqui há grossa confusão. O criador do termo quiz fazer palavra hybrida — de latim e grego = **Thryotorus**, mas pespegou um th o **theta** onde não havia isso. É sabido que esse passaro (Maria é dia) faz o ninho no meio dos juncos, bem occulto, dahi **Thryon** = juncal e torus, do latim = leito nupcial ou **ninho**, é o que me parece S. M. J. A interpretação do glossario dá um absurdo; a minha ao menos tem logica”. O segundo: — “Anodorhyncos? É possível que meu modo de entender não seja o verdadeiro, pois há tbem em grego **Anodos** (Anodos) que quer dizer “que não canta”. Refere-se tal palavra a certos passaros **anódos**, não canóros. Teria sido essa a idéia do **bruto** que criou esse termo? Bico que não fala? ou que não canta? Não consta que essa **Arara fale**, como as outras; seu bico é enorme em comparação com o das outras especies principalmente a maxilla superior, que tem a feição do bico dos Nestorides. Fico ainda com o meu modo de entender o nome **anodorhyncos**. Esta arara fala como as outras diz FINSCH”. A página seis não contém outra anotação de FRANCO DA ROCHA, a não ser aquella sobre o gênero a que pertence a “pomba do bando”, “avoante” ou “ribaçã”, tão conhecida da literatura. A página 664 do glossário explicativo, figura na letra Z: — “Zenaida, n. grego. Zaen, nome poetico de Jupiter; aidaes, invisivel. Não comprehendo como o Sr. REICHENBACH foi procurar tão longe um nome para uma pomba”. A observação do distinto médico é de natureza puramente histórica. Vejamos: — “Zenaida. Veja a pag. 664. Não pôde deixar de dizer asneiras, até o fim do vocabulario. Zenaida é o nome de uma filha de JOSÉ BONAPARTE, casada com

CARLOS BONAPARTE. Ornithologista, já conhecido, em 1838, pouco modesto, deu o nome da filha a sua pomba... e o fez só para obrigar o Barão de R. G. a dizer asneiras... O nome Zenaida tornou-se generico e a especie maculosa é a celebre pomba de bando, do Ceará. Isso diz GÖLDI. E Porque não se eximiu o Snr. Barão da empreitada de fazer vocabulario, visto não conhecer o grego? Ah Vaidade...". E, ainda FRANCO DA ROCHA, mudando de tinta, que neste trechinho é preta, e talvez também de pena, pois a letra parece um tanto arranhada, arremata numa letra miúda: — "É provavel que a filha de J. BONAPte. tivesse uma pombinha bonita e dahi o dar-lhe o nome della ás pombas daquelle genero"...". A pagina sete contém dois outros comentários, ocupando um quarto de página. O primeiro dêles é uma corrigenda ao que diz GOELDI relativamente a *Icterus*, trecho este do glossário, já transcrito atrás. Escreve o distinto médico: "V. pag. 653. Ikteros = ictericia e por extensão significa — cor amarella". O "tico-tico" é o objeto de FRANCO DA ROCHA no seu último comentário ao "glossário explicativo de nomes genericos", do II volume de "As Aves do Brasil", de EMILIO AUGUSTO GOELDI. "Pag. 664. *Zonotrichia*... quanta asneira junta, Santo Deus...". A respectiva opinião do glossário, também já a transcrevi anteriormente. Na última página do II volume, de maneira amena, FRANCO DA ROCHA previne, a tinta, que os seus livros, uma vez emprestados, gostaria sempre tê-los, novamente, de volta ao dono: — "Snr. prestador: Leve-me outra vez ao meu dono, sim?". Infelizmente quis o destino que êles, desta vez, não mais retornassem ao seu antigo dono.

O Museu Paulista possui, em sua biblioteca, uma raridade bibliográfica, também doada pelo Dr. FRANCISCO FRANCO DA ROCHA, representada pela obra "De Indice Utriusque Re Naturali et medicae" (1658), de WILLEM PIES. Conforme se lê

em TAUNAY⁶, trata-se da segunda edição, a primeira tendo sido publicada, em 1648, sob o nome de "Historia Naturalis Brasiliae". Tive oportunidade de examinar, naquele Museu, o citado volume, discordando assim do eminente historiador, quando afirma⁷:— "A sua velha e constante amizade á cultura humanistica levara-o a ler, com a maior attenção e deleite, Margraf e Piso, cujas obras **profundamente annotou**, (*) como se depreende do exame do volume por elle larga e longamente manuseado e hoje incorporado à nossa biblioteca do Ypiranga...". As anotações de FRANCO DA ROCHA ao trabalho de PIES ou PISO, ficaram quase que exclusivamente restritas ao "Liber tertius — Sectio Prima" que, das páginas 47 a 106, trata "De Animalibus Americanis Aquatilibus, Aereis & Terrestribus edulibus". São anotações que nada têm de profundas, como quer o illustre historiador da "Historia Geral das Bandeiras Paulistas"; antes, são ligeiríssimas. Limitou-se FRANCO DA ROCHA, conforme se verá, discriminadamente, adiante, a anotar a lápis, em cima ou ao lado do nome vulgar da ave, registrado por PIES, o nome científico equivalente. As vezes, um outro nome vulgar. Para simplificar, o primeiro nome é o que figura no livro de PISO, e o segundo, o anotado por FRANCO DA ROCHA. Assim :

à página 81 figura Cariamá	Dicholophus cristatus
" " 82 " Caracará	Polyboros brasiliensis

6 — TAUNAY, 1942 — Comentários à ed. brasil., de História natural do Brasil de Jorge Marcgrave, p. XXIII.

7 — TAUNAY, 1936 — ev. Mus. Paul., XX, p. 742.

(*) O grifo é meu.

”	”	”	”	Ipecati Apoá	Sarcidiornis carunculata
”	”	83	”	Maiaagué	biguá ?
”	”	84	”	Nhandu-Guassú	Rhea macrorhyncha
”	”	87	”	Iabicu-guaçú	Tuyuyú — Mycteria americana
”	”	88	”	Curicáca & Matuiti	Geronticus albicollis, Tantalus loculator ? Pannarão
”	”	89	”	Çocoi II	Florida coerulea ?
”	”	91	”	Guaraunae	Carão
”	”	92	”	Quetele	Africa Guinea
”	”	93	”	Guira-guainumbi	momotus ?
”	”	94	”	Guiraquera	alma de gato ?
”	”	95	”	Guira-acangaturá	anú branco
”	”	95	”	matuiti	gaivota ?

Afora uma breve corrigenda que FRANCO DA ROCHA faz, à página 295, respeito a uma palavra latina escrita erradamente, apenas se nos deparou, em todo o livro, mais duas anotações — por sinal que entomológicas —, do punho daquele médico. Em ambas prevalece o mesmo critério adotado pelo ilustre psiquiatra, acima. No “Liber Quintus”, cap. XXI, página 316, ao nome “gaayára” grafado por PIES, FRANCO DA ROCHA identifica ao lado, a lápis: — “Manta religiosa”. E na mesma página, abaixo, o lepidóptero chamado pelo médico de NASSAU, “Panama”, é identificado por FRANCO DA ROCHA, como “Macroglossa Titan”.